

# SONHANDO EM PANDEMIA

Marcela Ramirez  
Liliana Messina

Quando o mundo exterior se reduz ao espaço interior da casa, habitada pelas mesmas pessoas todos os dias, com seus lugares iguais a eles todos os dias ¿A casa que habitamos continua mantendo a qualidade de “lar”, de “refúgio”, ou começa a ser invadida por fantasmas?

O confinamento, embora afastou ao inimigo invisível e estimulou a fantasia de proteção contra a doença e a morte, também cortou abruptamente as fontes de gratificação libidinal que nos aporta o contato com os outros, os passeios ao ar livre, o café com os amigos, a natureza, a arte e tantos outros aspectos da vida que tivemos que renunciar obrigatoriamente.

É então que, buscando o prazer, como faz nossa economia psíquica, recorremos a um investimento intenso do desejo inconsciente. A realidade cotidiana se estreitou, ficando reduzida ao espaço interno da casa e esse desejo inconsciente que busca incansavelmente se expressar já não tem mais a sua disposição os múltiplos estímulos que o mundo externo proporcionava a cada dia para seus lapsos, seus atos falhados, seus esquecimentos. O desejo se amplia e começa a ter cada vez mais presença, encontrando no sonho novamente a forma régia de expressão.

Muitos de nossos pacientes e nós também, sonhamos mais do normal neste período, razão pela qual pensamos que os sonhos em pandemia adquirem novas sobre determinações e têm um caráter particular.

Por outro lado, a proposta de Alberto Eiguer, que pensou a casa como uma segunda ou terceira pele, tomando por sua vez a perspectiva do eu da pele de Anzieu, nos inspira neste momento e se torna uma contribuição necessária. Porque, como afirma, a casa é muito mais do que um telhado para nos isolar da chuva e do frio, encarna o passado e a memória, é o lugar onde se vivenciam os acontecimentos íntimos e, sobretudo, é uma representação da nossa identidade.

A casa / pele nos dá proteção e separação do mundo externo, limita o nosso eu / corpo e, ao mesmo tempo, nos permite e ensina a sensibilidade para perceber o mundo, ligar-se a ele e erotizá-lo. A forma como nos instalamos dentro de casa, como a cuidamos, desenhamos, decoramos e mobiliamos é uma expressão do inconsciente. Assim, a casa nos representa, o que também se evidencia nos sonhos, onde simboliza o corpo do sonhador e suas partes (Eiguer, 2013). Falamos assim da casa / corpo. O que acontece então, quando somos limitados aos espaços internos por suas paredes externas e a distinção interno / externo é anulada, pelo menos em um setor de nosso psiquismo?

Com essas linhas de pensamento queremos fazer uma leitura da sexualidade e dos sonhos de alguns de nossos pacientes em pandemia, enquadrados no campo do trabalho analítico, a propósito das mudanças a que fomos forçados a fazer.

Como já sabemos e tinha sido experimentado por todos, o trabalho clínico passou por modificações significativas, começando pelo contexto. Tivemos que flexibilizar o que considerávamos normal e obrigatório, a partir do momento em que começamos a atender online, não só os pacientes que já optaram por essa modalidade, mas todos os nossos pacientes. A distância ficou curta quando eles entraram em nossa casa e nós entramos na deles. Por dentro, por fora, o privado e o público ameaçavam se confundir e o íntimo derrubou fronteiras que antes eram óbvias e necessárias.

Assim, trabalhamos em casa e os pacientes fizeram suas sessões de análise desde sua casa.

Na obra "As duas peles da casa", Eiguer destaca uma distinção, que hoje faz muito sentido, entre o privado e o íntimo. São dois conceitos diferentes, mas que às vezes usamos indistintamente. "Começamos por distinguir o íntimo do privado, este último refere-se mais à dimensão social, que nos distingue e nos separa do exterior, enquanto a intimidade se refere às nossas experiências emocionais em relação a nós e aos nossos familiares, o que implica proximidade, simplicidade, abertura, cumplicidade (A. Carel, 1992 cita Eiguer, 2013). "

A análise e interpretação dos sonhos de dois pacientes, com base em nossas próprias associações, nos ajudarão a colocar esses conceitos e ideias em prática.

O sonho da Patricia

"No pátio de atrás se via o horizonte, o mar, os prados. Eu saio e parecia como se vieram monstros. Minha mãe sai e a gente corre pra dentro da casa, ha mais gente, parecia uma loja. Um homem entra com um polvo no rosto, como eu posso pego um lápis e se enterrá-lo "

Nesse sonho de Patrícia, aparece a casa e o pátio atrás dela. Casa que, como nos diz Eiguer, podemos pensá-la como uma terceira pele (a primeira biológica, a segunda a vestimenta) na qual são vividos nossos desejos, nossos amores, nossas dores e nossas memórias que lhe darão sua forma e suas cores particulares.

Ela sai para o pátio do fundo, aquele que não está à vista (o anal, um tipo particular de ligação com o exterior, pensamos) e neste sitio menos visível -talvez mais sujo-paradoxalmente se abre o horizonte, para o mar e para os prados, que sugerem uma brisa marinha limpa e refrescante. Lá aparecem os monstros do patio de atrás. A paisagem exterior (mar, prados), também pública, é invadida por monstros anais.

Mas a casa aqui não é um refúgio. A casa, o lugar do privado, que nos isola do público, perde seu carácter próprio, é também uma loja, onde qualquer pessoa entra e sai, se vendem coisas, se troca dinheiro, também anal. Assim, está representada uma contaminação do espaço privado com o público, e uma contaminação do exterior público com os monstros anais, do espaço interno.

Nós corremos: eu saio, os monstros vêm, eu entro. Entrar e sair. Fora o coronavírus, e dentro, o polvo. Nenhum lugar é seguro.

O polvo na cara ... que se agarra com seus oito tentáculos com fortes ventosas. Cega, não deixa ver, não deixa falar, se afoga, é difícil tirar porque gruda, invade ... como os alienígenas... que também entram no corpo, como COVID. Uma mãe polvo? Um polvo analista? A reação é violenta, em resposta a esta outra violência. A mãe que não deixa ver, não deixa comer, cobre todos os buracos, invade-a ... afoga-a. Como pode, lhe enterra um lápis.

O Sonho de Laura

"Em uma pandemia começou o desconfinamento, eu ia me encontrar com uma amiga e te conheceria. Íamos comer sashimi em algum lugar. Comíamos tanto que acordei com a sensação de que não queria comer mais sashimi. Eram uns cozinheiros orientais e tinham um peixe grande e vivo que iam cortar ali mesmo, na mesa, horrível, não muito elegante. O Partiam, mas antes, o peixe se comia o nosso sashimi.... Depois íamos passear e acho que cheguei à sua consulta "...

Começava o "desconfinamento", uma abertura, uma saída, o desejo de ver o analista em presença ou a fantasia de uma relação entre pares, confundida com uma amiga, comendo, numa situação íntima diferente daquela da sessão. Pensamos que isso está relacionado ao fato de ter entrado na casa do analista e feito as sessões desde a própria casa.

"Comíamos tanto ... Acordei com a sensação de não querer comer mais sashimi" ¿Quer acabar o sonho? Uma armadilha é feita, uma tentativa de reprimir o que está por vir, mas depois continua.

Ou: "Comíamos tanto ..." ¿Você está farta de tanta análise?

Eram cozinheiros orientais: vamos para o outro lado do mundo, mas aqui, sem sair de casa, é o que a internet permite, longe mas perto, esse outro lado do mundo, o lado B. A privacidade do analista e do paciente exposta em esse novo cenário online, que aparentemente gera maior intimidade, mas que a paciente acha ameaçadora e perturbadora. No meio aparece a imagem de um peixe vivo, que se alimenta e expõe e torna visíveis seus aspectos mais primitivos.

Iam cortar um peixe grande vivo ali mesmo ... pouco elegante ... tenta moderar algo que parece atroz, grosseiro, o oposto de elegante. Se ela é o peixe grande, o interno dela que prevalece, o grosseiro desarma o elegante e o arruina. Seu medo ... de que a terapia não funcione por causa de sua voracidade, de que destrua o analista. Para não acordar apavorada, ela recoloca as coisas em seu lugar e chega para a consulta. Já não trabalha mais online, quer regressar ao espaço protegido da consulta.

A partir desses sonhos, refletimos sobre a diferença entre trabalhar online desde a casa e trabalhar na consulta ... Parece que no imaginário de alguns pacientes a consulta surge como um espaço privilegiado e protegido no qual podem depositar os aspectos mais primitivos, mais grosseiros, mais vorazes e agressivos sem que isso contamine a intimidade da casa do analista e do paciente.

Pensamos que, para alguns, entrar na casa do analista pode ser “pornográfico”, porque ele é visto despojado de sua investidura, despojado de seu papel e colocado grosseiramente, como qualquer outro, com memória e desejo. E, por outro lado, quando o paciente abre sua casa, ele pode vivê-lo expondo sua sexualidade sem vergonha, ou com mais pudor.

¿Por que alguns pacientes neste período conseguiram continuar trabalhando e avançando em seu processo analítico, enquanto outros acharam mais difícil?

Não todos aceitam entrar no espaço privado da casa do analista e abrir sua própria casa. Entrar na casa pode ser como entrar na intimidade do outro, ver seu interior, despojado de sua roupa, seu disfarce. A pele consulta, como um uniforme, sempre permanece igual, a casa, por outro lado, é habitada por outras pessoas, que deixam sinais e também refletem sua identidade. Nessa situação, alguns pacientes se retraem e evitam mostrar o que é mais íntimo. Para outros, é uma oportunidade de mostrar, e não ter que representar, essa intimidade privada de sua família ou sua identidade nua.

A ampliação do desejo inconsciente, com todos os medos e ansiedades associados ao seu conteúdo, tem permitido que esses pacientes avancem no processo analítico de forma significativa. Enquanto quem não conseguem avançar nessas condições, parecem levantar repressões ainda mais intensas ou massivas, para deixar fora o processo mais íntimo, aquele que poderia se tornar pornográfico e indecente, neste cenário de intimidade e privacidade familiar.